

MUITOS BURACOS E NADA DE OBRAS: UMA BREVE ANÁLISE DOS IMPLÍCITOS EM NOTÍCIAS DE UM JORNAL POPULAR DO RIO DE JANEIRO

MANY HOLES AND NO ROADWORKS: A BRIEF ANALYSIS OF THE IMPLICIT IN THE NEWS OF A POPULAR NEWSPAPER FROM RIO DE JANEIRO

Gustavo Estef Lino da Silveira 

RESUMO

Neste artigo iremos traçar um percurso acerca de como alguns autores foram desenvolvendo o conceito de comunicação com base nos estudos discursivos ao longo dos anos. Começaremos revisitando as teorias de Austin (1962, 2002) e Jakobson (2002) que afirmavam, basicamente, que a comunicação era dada entre dois sujeitos: o emissor e o receptor. Avançaremos para Bakhtin (2000) e sua conceituação de uma comunicação dialógica ou responsivo-ativa. E, por fim, terminaremos com o conceito de polifonia em Ducrot (1987, 1989). Para fins experimentais, produzimos um *corpus* com doze manchetes acerca de problemas de comunidades da Baixada Fluminense e publicadas no jornal *Extra*. O objetivo principal deste estudo é demonstrar a multiplicidade de enunciadores que a aplicação da teoria polifônica de Ducrot nos permite depreender de um texto. Percebemos, assim, como os textos pode carregar implícitos, que em uma primeira análise, poderiam passar despercebidos.

PALAVRAS-CHAVE: Polifonia. Implícitos. Análise do Discurso. Jornal.

ABSTRACT

In this article we will trace a path about how some authors have been developing the concept of communication based on discursive studies over the years. We will begin by revisiting Austin's (1962, 2002) and Jakobson's (2002) theories, which basically stated that communication was given between two subjects: the sender and the receiver. We will move forward to Bakhtin (2000) and his conceptualization of dialogic or responsive-active communication. And, finally, we will finish with the concept of polyphony in Ducrot (1987, 1989). For experimental purposes, we produced a corpus with twelve headlines related to problems of communities in the Baixada Fluminense and published in the newspaper *Extra*. The main objective of this study is to demonstrate the multiplicity of enunciators that the application of Ducrot's polyphonic theory allows us to deduce from a text. We perceive, therefore, how the texts can carry implicits, which in a first analysis, could go unnoticed.

KEYWORDS: Poliphony. Implicits. Discourse Analysis. Newspaper.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar um breve resumo de algumas das teorias de base enunciativa para o conceito de comunicação. Traremos as visões de Austin (1962, 2002) e Jakobson (2002) e, mais adiante, um desdobramento em Bakhtin (2000) e Ducrot (1987, 1989). Após esse levantamento teórico, tentaremos trazer a aplicabilidade dos conceitos teóricos apresentados em um corpus de análise formado por doze manchetes do jornal Extra. Esse jornal é conhecido por ser um dos jornais populares mais vendidos do estado do Rio de Janeiro. Dentre suas principais características estão a linguagem informal e a leitura fácil por parte de seus leitores.

Temos como objetivo demonstrar a mudança que o conceito de comunicação foi sofrendo ao longo do tempo e se elaborando com os diversos autores aqui apresentados. Também faremos uma análise dos enunciadores e seus implícitos de acordo com a conceituação de enunciação e implícitos para Ducrot (1987, 1989).

Sendo assim, este trabalho está dividido em cinco partes: esta introdução, a fundamentação teórica onde faremos esse percurso histórico dentro do conceito de comunicação nos estudos de base discursiva. Em seguida, explicitaremos brevemente acerca da produção de nosso corpus. Logo adiante, faremos a discussão e, por fim, traremos nossas considerações finais.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção faremos um trajeto histórico cujo objetivo é resgatar como o conceito de comunicação foi sendo aprimorado ao longo dos anos: de uma interação passiva a uma teoria dos enunciados polifônicos.

É mister ressaltar que os dois primeiros autores que apresentaremos: Austin e Jakobson, ainda atrelam o conceito de comunicação como tendo um locutor e um receptor, ao passo que Bakhtin começa a mover-se para uma direção que nos permite vislumbrar o dialogismo do texto (noção que será definida mais à frente), abrindo mais possibilidades de participação desse "receptor". No entanto, é apenas em Ducrot que encontramos maior afinidade teórica com sua definição de uma teoria da polifonia. Se em Bakhtin o conceito de polifonia é comparado metaforicamente a uma orquestra de múltiplas vozes, a sujeitos empíricos que proferem algo, em Ducrot a proposta expande-se ao nível do enunciado. Ou seja, a enunciados com

múltiplos pontos de vista (implícitos e explícitos), com os quais o locutor pode ou não concordar.

Começamos então por Austin, que é considerado o precursor das matrizes teóricas dos estudos da interação e desenvolveu estudos sobre a pragmática na Escola de Oxford na década de 1940. Austin defende a visão de que ao falar estamos realizando atos, e que um ato de linguagem não pode ser considerado como verdadeiro ou falso; mas sim, bem-sucedido ou não. Para o autor, todo enunciado tem um “eu” implícito, aquele que quer performar um ato através da linguagem. Entre suas teorias, desenvolve a teoria dos atos de fala composta por três atos¹: locucionário, ilocucionário e perlocucionário (Ottoni, 2002, p. 120).

Em Jakobson, ainda é muito visível a comunicação como sendo estabelecida por duas pessoas: o remetente e o destinatário. Esse conceito de comunicação foi sendo substituído por outras possibilidades que dão conta da multiplicidade de vozes que adentram um determinado discurso.

Essa disposição binária dos sujeitos falantes na comunicação encontrou respaldo em muitos filósofos da linguagem contemporâneos a Saussure. O Quadro 1, a seguir, reproduz a visão de muitos desses autores estruturalistas em relação a esta oposição, produção e recepção de discurso (Charadeau; Maingueneau, 2016, p. 459).

Quadro 1: Oposição emissor e receptor e suas diferentes nomenclaturas

Sujeito	Posição de produção	Posição de recepção
Externo (<i>ao discurso</i>)	Emissor Locutor Autor	Receptor Interlocutor Alocutário Ouvinte Leitor
Interno (<i>ao discurso</i>)	Enunciador Narrador Alocutário	Destinatário Alocutário Coenunciador Narratário Leitor modelo

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Como pode ser visto no Quadro 1, aqui ainda é bem limitada a noção de um produtor de enunciados e um receptor com suas diferentes nomenclaturas, pois há

¹ Optamos por suprimir a definição dos três atos de fala aqui neste estudo por não ser este o objeto teórico de nossa pesquisa.

uma divisão entre um sujeito externo e interno ao discurso. Mesmo assim, em ambos há oposição entre aquele que produz e aquele que recebe. Embora haja a possibilidade de uma perspectiva interna ao discurso, e não apenas no nível do linguístico, ainda não se avançou muito diante de uma concepção que abarque todos os níveis enunciativos conforme Ducrot virá a propor.

Sendo assim, é necessário que caminhemos na contramão desses estudos. Conforme definição de Deusdará (2013, p. 350), “uma alternativa possível para esse achatamento da noção de texto parece ter sido indicada por Maingueneau, quando prefere indicar não atos de fala isolados, mas assumir os gêneros do discurso como macroatos de linguagem”. Para Maingueneau, seria impossível fazer uma análise dos atos de fala em si isolados de seus contextos. Os mesmos precisariam estar inseridos em macroatos de linguagem ou, de acordo com Bakhtin, nos gêneros do discurso. Reiterando, os gêneros do discurso são macroatos da linguagem e dentro dos gêneros conseguimos perceber diferentes atos de fala.

Conforme veremos mais adiante na seção de discussão e análise, os enunciadores que denunciam criam uma relação constitutiva com os demais enunciadores do texto; uma espécie de elo, pois o leitor que denuncia as mazelas de sua comunidade a algum veículo jornalístico fala sobre um problema não resolvido por alguém, e que afeta uma região específica à qual ele também pertence. Segundo Bakhtin (2000, p. 291), “cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados”. Essa interação entre todos os enunciadores dessa cadeia produz sentido através dos enunciados proferidos, que, por sua vez, produz ação através dos textos produzidos. Para Normand (1990, p. 334 *apud* Morato, 2003, p. 318), a interação nos indica que o sujeito “tem algo a dizer ou a mostrar”. A autora afirma ainda que a interação produz sentido e o sentido é a produção de uma interação. “O outro nos é necessário para saber o que estamos a dizer, e mais, para construirmos sentido daquilo que estamos a dizer” (Normand, 1990, p. 334 *apud* Morato, 2003, p. 334).

O locutor (enunciador) de um texto não fala sozinho ou apenas ao seu coenunciador, mas ele também responde ao que fala, pois não é o primeiro a romper o silêncio de um mundo mudo (Bakhtin, 2000, p. 291). Para Bakhtin, a unidade fundamental da língua é o diálogo. O autor cunha o termo dialogismo e a ele também é atribuída a teoria da enunciação na qual “Bakhtin concebe a enunciação como um produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados mesmo

que o interlocutor seja uma virtualidade representativa da comunidade na qual está inserido o locutor e propõe, dessa forma, a ideia de interação verbal realizada através da enunciação” (Flores, 1998, p. 13-14).

Falamos muito de questões de enunciado, no entanto, abrimos um parêntese para trazer uma definição de tal conceito. Para Flores (1998, p. 19), “o enunciado é uma unidade da comunicação verbal que somente tem existência em um determinado momento histórico [...]”. Logo, todos os enunciados produzidos no *cópus* deste estudo fazem sentido se analisados dentro desse período de caos em que essas comunidades se encontram, de descaso e abandono. Período que elas esperam que seja breve, através da intermediação do jornal para solucionar seus problemas. Sendo assim, o que os enunciadores proferem faz sentido no momento atual, mas talvez no futuro, com o avanço da tecnologia e a solução de suas demandas pelo poder público, os enunciados podem vir a não ter mais o mesmo sentido.

Bakhtin avança na compreensão de uma comunicação que contemple mais enunciadores ao dizer que os enunciados carregam vozes de outros enunciadores além daqueles que os estão proferindo, “até mesmo uma palavra pode ser dialógica se nela se perceber a voz do outro” (Flores, 1998, p. 26).

Flores adentra a discussão ao afirmar que “na teoria de Bakhtin, a questão mais transcendente diz respeito a uma possibilidade de não simetriação do sujeito, ou nos termos do autor, diz respeito a uma relação que não é de forma alguma aritmética” (Flores, 1998, p. 32). Ou seja, não podemos simplesmente considerar a comunicação como uma conta onde apenas um falante se comunica com o outro. A comunicação vai além do conceito de “1 + 1”.

Essa interação no discurso pode ser vislumbrada a partir da noção de que nós não somos apenas uma pessoa, mas temos múltiplos posicionamentos e vozes em um corpo empírico. E onde estaria essa multiplicidade se considerássemos o sujeito apenas como um ser? Ainda sobre a interação que acontece nos discursos, pode-se dizer que ela não é o que eu faço, nem o que você faz, mas sim o que acontece nesse meio, na troca de enunciações através de um certo grau de participação de todos os enunciadores envolvidos no discurso.

Bakhtin inaugura o conceito de dialogismo ao defender que o mesmo não significa apenas e unicamente a distância entre dois falantes empíricos, mas a presença de um dizer histórico que habita o discurso. Sendo assim, a palavra pode

vir a refletir ou refratar ideais, pois não produzimos enunciados com palavras de dicionário, e sim com conteúdos históricos. Barbi (1999, p. 192) afirma que “o discurso não tem apenas um sentido e uma verdade, mas uma história”. E, nessa história, muitos enunciadores são evocados a falar, trazendo uma multiplicidade de sujeitos ao discurso.

Bakhtin prossegue no conceito de interação verbal, como afirmam Flores e Teixeira (2015, p. 49): “Bakhtin mostra sua concepção de enunciação como produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, [...] e propõe, dessa forma, a ideia de interação verbal realizada por meio da enunciação”. No entanto, a diferença com Ducrot fica mais nítida quando dizem que “para o autor, são as relações dialógicas que singularizam o romance polifônico em relação aos demais” (Flores; Teixeira, 2015, p. 54). Enquanto que, para Bakhtin, polifonia ainda não é um conglomerado de muitos pontos de vista implícitos, mas sim uma confluência de vozes marcadas e que estão atreladas umas às outras historicamente, e em valores de simetria, em relação de igualdade. Para ele, como afirmam Flores e Teixeira, “a palavra é sempre também palavra do outro” (2015, p. 59).

Dito isso, Bakhtin parece ainda distanciar-se do que viria a ser a proposta de uma interação verbal polifônica conforme seria delimitado mais tarde por Ducrot, colocando em cena enunciadores diversos em um enunciado, o que será definido adiante. Em suma, “Bakhtin aborda essa palavra dentro do universo enunciativo de um texto. Ducrot opera o conceito num nível linguístico. “[...] À maneira de uma enunciação teatral em que atuam diferentes personagens” (Barbisan; Teixeira, 2002, p. 162). Ou seja, Bakhtin avançou diante de uma concepção de multiplicidade enunciativa, mas parece que encontramos em Ducrot o nível de conceituação da teoria a que o presente estudo deseja se atrelar.

Embora as teorias de Ducrot não sejam área de estudo da Análise do Discurso, cremos ser importante trazer a esta pesquisa suas contribuições na área da polifonia enunciativa. Isso porque a teoria que o autor desenvolve vem ao encontro do que desejamos analisar em nosso *corpus*.

Pode-se dizer que um dos principais objetivos de Ducrot foi “criticar e substituir a teoria da unicidade do sujeito da enunciação” (Ducrot, 1987, p. 178). O autor queria combater a visão de muitos estudiosos que defendiam “um enunciado – um sujeito” (Ducrot, 1987, p. 178).

Para tal fim, desenvolveu o conceito de polifonia diferentemente do que propunha Bakhtin. Para Carel (2011, p. 27), a polifonia diz “respeito à presença de várias instâncias enunciantes no interior da enunciação”. A autora atribui a Bakhtin a noção de polifonia intertextual e a Ducrot, a polifonia semântica.

Ainda segundo a autora, “a polifonia é semântica [quando há] a multiplicidade das instâncias enunciativas” (Carel, 2011, p. 31). Já “a polifonia intertextual estuda a presença dos discursos passados nos discursos atuais” (2011, p. 35).

No caso do *corpus* deste estudo, podemos aplicar o conceito de polifonia em Ducrot a partir do fato de que um texto-denúncia² não foi criado pelo seu locutor empírico apenas. Muito provavelmente, as denúncias, já foram enunciadas anteriormente se pensarmos sob uma perspectiva sócio-histórica. De fato, outras comunidades discursivas já produziram textos semelhantes aos ali reproduzidos. Flores e Teixeira (2015, p. 49) corroboram esse pensamento ao afirmarem que, para Bakhtin, “toda a enunciação está impregnada de conteúdo ideológico”.

Outro conceito muito importante que Ducrot tenta distinguir é o de locutor e enunciador. Para ele, o “‘locutor’ seria quem coloca o conteúdo no discurso [...], e os ‘enunciadores’ quem garante os conteúdos comunicados” (Carel, 2011, p. 32). Assim sendo, para Ducrot, enunciador e locutor são seres totalmente diferentes, pois “[...] o enunciador está para o locutor assim como a personagem está para o autor” (Ducrot, 1987, p. 192).

Em termos práticos, se em um enunciado temos o exemplo de um discurso indireto, temos ali um locutor. No entanto, se se trata de discurso direto, há dois locutores. Por uma vertente, o locutor é um suporte psicofisiológico de textos, ele os produz. Por outra, o enunciador não necessariamente fala; mas pode-se atribuir a ele um ponto de vista ou uma atitude. Ele diz, “entendo por locutor um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável, ou seja, como alguém a quem se deve imputar a responsabilidade deste enunciado” (1987, p. 182).

O locutor é quem fala, ele está marcado através do “eu”. Já o enunciador corresponde não a uma voz concreta, mas a um ponto de vista. Por exemplo, uma

² Estamos aqui referindo-nos às notícias do *corpus* de onde foram retiradas as manchetes. As reportagens foram escritas com base em denúncias de moradores da Baixada Fluminense que fotografavam e narravam suas reclamações ao jornal Extra. Este, por sua vez, utilizou-se das mensagens recebidas via aplicativo de celular *WhatsApp* para criar suas reportagens.

estrutura concessiva como “embora” pode ser considerada polifônica a partir de uma não identificação do interlocutor com aquele enunciado. Para Ducrot, o locutor “põe em cena dois enunciadores que, a respeito do mesmo objeto, reagem de modo oposto” (Barbisan; Teixeira, 2002, p. 165). As autoras também chamam a atenção para a ponderação de Ducrot sobre o cuidado que deveria ser tomado para não se confundir a sua definição de polifonia com o simples relato do discurso do outro em um discurso específico (2002, p. 166).

Conforme Flores e Teixeira (2015, p. 65) ilustram: “o sujeito que aí é contemplado não é um produtor de fala. É, antes, uma representação no sentido do enunciado. Dessa forma, a enunciação pode ser atribuída a um ou mais sujeitos. Entre esses, podemos distinguir pelo menos dois tipos de personagens: os locutores e os enunciadores”. É fato que “o locutor é apresentado como o ser responsável pela enunciação” (2015, p. 65). Ele é o responsável pela produção empírica do enunciado. Barbisan e Teixeira (2002, p. 169) reiteram que “o sujeito falante remete a várias funções: a de sujeito empírico, a de locutor e a de enunciador”.

Já “os enunciadores, por sua vez, remetem a uma segunda forma de polifonia. O enunciador é uma perspectiva expressa por meio da enunciação, ele não ‘fala’, mas tem seu ponto de vista colocado sem, entretanto, ter atribuída precisão às palavras” (Flores, 2015, p. 66). Em outra definição, “enunciadores são [...] aqueles a quem se atribui a responsabilidade pelos atos ilocutórios que o enunciado do locutor veicula” (Barbisan; Teixeira, 2002, p. 168). Pode ainda ser dito que, “são vozes, pontos de vista, com os quais o locutor interage” (2002, p. 178-179). Conforme já dito na anteriormente, mas aqui reiterado, para Ducrot:

[os enunciadores] são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhes atribuam palavras precisas; se eles ‘falam’ é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras (Ducrot, 1987, p. 192)

Ainda em Ducrot (1989), encontramos respaldo teórico para classificar palavras que a gramática tradicional nomeia como conjunções, por exemplo: só, apenas, mas, e. O autor, que cunhou o termo Semântica Argumentativa denomina tais palavras sob uma perspectiva enunciativa, nomeando-as como operadores argumentativos. Para ele, um operador tem por função indicar a força argumentativa

dos enunciados. Seu objetivo é estabelecer relações de sentido e muitos deles agem como se tendo uma gradação de força.

Tendo feitas as devidas ponderações sobre as diferenças entre o conceito de polifonia em Bakhtin e em Ducrot, e também delineado o que Ducrot definiu em sua teoria polifônica ao estabelecer limites entre locutor e enunciadador e os operadores argumentativos, faremos algumas considerações acerca do processo de produção de nosso *corpus*.

2 COLETAR OU PRODUZIR UM *CORPUS*: EIS A QUESTÃO

Muitos estudos de base quantitativa referem-se ao processo de criação de um *corpus* como sendo o de “coletar um *corpus*”. Tomemos uma simples busca no dicionário Michaelis (online) da palavra “coletar”. Encontramos a seguinte definição: “colher ou recolher (animais e/ou plantas) para fins de análise ou estudo”. Isso significa dizer que ao usarmos o termo “coleta”, este parece aos procedimentos médicos de uma coleta de sangue posterior análise; a uma coleta de lixo ou mesmo de produtos para doação.

Logo, se “coletamos” estamos apenas retirando um determinado excerto de um local e transferindo-o para outro. Tal definição não estaria totalmente errônea. No entanto, acreditamos ao fazermos uso do termo “coletar um *corpus*” estamos ratificando um certo distanciamento onde a relação do pesquisador com seu material de estudo é apagada. Podemos ver que “as metodologias tradicionais de pesquisa não conseguem apreender a marca mais genuína da realidade, seu processo contínuo de individuação, ou se preferirmos, seu processo de criação” (Escóssia; Tedesco, 2014, p. 99).

Acreditamos que ao produzirmos um *corpus*, criamos um outro texto (ou conjunto de textos) com características próprias e diversas do gênero que acessamos anteriormente. Por isso defendemos que produzimos um *corpus* e não o coletamos. E isso “não significa buscar um outro nome para o “mesmo” trabalho. (Deusdará; Rocha, 2021, p. 151). Atrélamo-nos nossa visão aos autores supracitados e entendemos que conceitualização e método andam juntos. Assim como não podemos aqui desvincular a teoria da prática. Ou seja, o pesquisador não está distanciado do seu objeto de pesquisa, há uma relação de proximidade com o material.

Tomemos como exemplo o *córpus* aqui produzido. Seleccionamos doze notícias de um jornal popular da Baixada Fluminense. O *corpus* que consultamos originalmente tem em comum o fato de que os doze textos acessados são do gênero notícia. No entanto, nosso interesse era apenas pelas manchetes; logo, produzimos um *córpus* com o gênero manchete, e aqui defendemos a manchete como gênero textual (Perobelli; Bianca, 2021). Ou seja, criamos um *corpus* com gênero e características diferentes do *córpus* original.

3 AS MÚLTIPLAS VOZES DE ENUNCIADORES SEGUNDO DUCROT

Com o auxílio da teoria da polifonia de Ducrot, levantaremos as marcas de locutores e enunciadores presentes nas manchetes jornalísticas que constituem o *córpus* deste artigo. É possível, às vezes, marcar a presença de um locutor na figura do jornalista, como sujeito empírico responsável pelas escolhas léxicogramaticais do texto. No entanto, é inegável que há um conglomerado de vozes marcando diversos posicionamentos ideológicos no nível enunciativo do texto.

Como mencionado, quem fala no *corpus* não é apenas o jornalista. Embora essa marca possa ser identificada como o locutor do texto, os enunciadores se multiplicam e ganham contorno através de um coral de múltiplas vozes que clamam pelas comunidades carentes que tematizam. Talvez possa ser mais palpável localizar a figura do locutor enquanto jornalista que escreve e edita a manchete, e até mesmo esta pode ser considerada a única voz do texto, se pensarmos sob uma perspectiva de unicidade do sujeito. No entanto, ao atrelarmos nossa posição teórica à polifonia de Ducrot, vemos um emaranhado de enunciadores disputando posições de fala no discurso.

Há também um efeito prático ao se destrinchar as múltiplas vozes que falam em um enunciado que é o de reconhecer e legitimar as várias vozes e pontos de vista que estão implícitos no dito. Fato esse que talvez não fosse considerado se levássemos em conta teorias que veem a comunicação como sendo a junção de dois sujeitos, "1+1".

A fim de facilitar a visualização da multiplicidade de vozes que é possível de se encontrar nas manchetes, criamos a seguir tabelas em que analisamos as doze manchetes que constituem nosso *córpus*. Na linha 'M' escrevemos o número da manchete e listamos em 'E' o número correspondente ao enunciador que profere algo e o que dizem ao lado, conforme pode ser visto nos exemplos adiante.

Tabela 1: Manchete 1 e os 3 enunciadores identificados

M1	Só o Zé Lador se lembra deles.
E1	Apenas o Zé Lador se lembra da população.
E2	Os governantes deveriam se lembrar da população.
E3	Os governantes esqueceram-se da população.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Tabela 2: Manchete 2 e os 4 enunciadores identificados

M2	Asfalto fica só na promessa.
E1	A rua não tem asfalto agora.
E2	A rua não tinha asfalto antes.
E3	O asfalto foi prometido por alguém em algum momento passado.
E4	Os moradores da rua querem o asfalto que foi prometido.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Em ambas as Tabelas (1 e 2) há o uso do operador argumentativo “só” com o sentido de “apenas” e com a finalidade de restrição. Na M1, o efeito é a valorização da personagem Zé Lador em detrimento do governo. Na M2, o objetivo é reiterar o discurso da promessa que é feita apenas em período de eleições. Em todos os casos mencionados acima (tanto em M1 quanto em M2) só podemos recuperar os enunciadores e seus referentes pela leitura das notícias.

Tabela 3: Manchete 3 e os 5 enunciadores identificados

M3	Um piscinão no meio da avenida.
E1	Deveria haver asfalto na avenida.
E2	Existe um buraco do tamanho de uma piscina na avenida.

E3	As pessoas precisam ter cuidado ao atravessar a avenida.
E4	Lugar de piscina não é no meio da avenida.
E5	Os governantes precisam retirar o buraco do meio da avenida.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

O enunciador trabalha com o efeito do absurdo relacionando um lugar bastante conhecido de todos, a avenida, a um piscinão. Considerando que as pessoas dessas comunidades carentes possivelmente conhecem os piscinões (Ramos, São Gonçalo, entre outros), essa referência pode ser ativada pelos leitores. Há, com isso, o deslocamento de lugar dessa piscina para o meio do asfalto, causando espanto em quem lê.

Tabela 4: Manchete 4 e os 2 enunciadores identificados

M4	Obra está parada há cinco anos.
E1	Obra não poderia/deveria estar parada.
E2	Cinco anos é muito tempo para uma obra estar parada.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Tabela 5: Manchete 5 e os 5 enunciadores identificados

M5	Algo não cheira bem em Caxias.
E1	Há uma metáfora subentendida aqui: "não cheira bem" = "algo está errado".
E2	Caxias está cheirando mal agora, mas não é sempre assim.
E3	Existe algo que faz com que Caxias não tenha um bom odor.
E4	A população de Caxias não quer o mau cheiro na cidade.
E5	O poder público é o responsável por acabar com o mau odor em Caxias.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Mau cheiro é um sinal de sujeira, abandono e falta de asseio, aqui retratados em um bairro de Duque de Caxias. Esta cidade possui muitas áreas costeiras já assoreadas na parte que é banhada pela baía de Guanabara. A vala a que os moradores se referem na notícia é mais uma consequência desse descaso maior que é a falta de tratamento de esgoto na região pelo governo do estado. Além do mais, conforme pode ser visto em E1, esse mau cheiro não pode ser entendido apenas como o odor em si, mas também pode ser lido em um sentido mais amplo. Ou seja, metaforicamente, dizemos que algo não cheira bem quando queremos dizer que algo não está bom, ou que está sendo tratado de modo ilegal.

Tabela 6: Manchete 6 e os 3 enunciadores identificados

M6	Sem asfalto, rua vira um lixão em Meriti.
E1	Rua de Meriti não tem asfalto.
E2	Não deveria haver um lixão na rua.
E3	Como a população não tem onde jogar o lixo, rua sem asfalto acaba se transformando em depósito de lixo.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Tabela 7: Manchete 7 e os 3 enunciadores identificados

M7	Falta manutenção, sobram buracos.
E1	O poder público não faz manutenção nas ruas.
E2	O poder público não veio tapar os buracos das ruas.
E3	Se houvesse manutenção, não haveria buracos.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Na manchete 7 (Tabela 7) há uma relação de oposição entre “faltar” e “sobrar”; esse fenômeno é uma constante ao longo do cópuz. Essa posição de contraste nos chamou a atenção e nos levou a criar uma análise em particular para o que a comunidade relata acerca do que falta e do que sobra, na seção 5.3.1 discutiremos sobre esse dado.

Tabela 8: Manchete 8 e os 3 enunciadores identificados

M8	O 'lama jato' do Transmontano.
E1	Transmontano é um bairro cheio de lama.
E2	A quantidade de lama é comparada a um lava-jato que jorra água, mas, nesse caso, jorra lama.
E3	É necessária uma "Operação Lava Jato" no bairro.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Embora lendo apenas a manchete tenhamos a impressão de haver um enunciado intertextual com a Operação Lava Lato – pois a mesma iniciou-se meses antes da publicação da notícia (maio de 2015) –, ao lermos a notícia por completo tal expectativa vem a ser quebrada. A narrativa descreve o episódio de um leitor que não consegue ter seu carro limpo devido à quantidade de lama presente na rua. No entanto, nenhuma intenção subliminar da empresa midiática pode ser descartada, por isso optamos por manter E3 na Tabela 8, pois acreditamos que pode ter havido uma referência estratégica do veículo na captação de leitores, pois o jornal se utilizou de uma pauta "quente" para chamar a atenção para a sua notícia.

Tabela 9: Manchete 9 e os 3 enunciadores identificados.

M9	Praça mais para lá do que para cá.
E1	(Há um componente metafórico em jogo na expressão acima.) Estar mais para lá do que para cá, informalmente, significa não estar indo bem.
E2	A praça está muito mal.
E3	A praça já esteve em boas condições.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Há uma relação de intertextualidade polifônica na manchete com a expressão coloquial "estar mais para lá do que para cá", que significa não estar bem, que alguém ou algo está muito mal, às vias de morrer (E1).

Tabela 10: Manchete 10 e os 4 enunciadores identificados

M10	Sete meses com os pés na lama.
E1	As pessoas não deveriam estar com os pés na lama.
E2	Sete meses é muito tempo para se estar com os pés na lama.
E3	As pessoas não estavam com os pés na lama há sete meses.
E4	(Há um enunciador que faz uso da metáfora "estar com os pés na lama = estar na pior.)

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Estar com o pé na lama é utilizado em sentido figurado (E4), as pessoas não estão paradas com o pé dentro da lama o tempo todo. Mas o uso dessa comparação acentua a dificuldade das pessoas em sair de casa em dias chuva, por exemplo. A marcação de sete meses indica o absurdo que é estar com lama nos pés por tanto tempo, mesmo sem chover os sete meses sem parar. Ou seja: lama independe de chuva aqui, o que é uma contradição.

Tabela 11: Manchete 11 e os 3 enunciadores identificados

M11	Muitos buracos e nada de obras
E1	A quantidade de buracos é grande.
E2	A quantidade de obras é nula.
E3	Deveria haver obras para se tapar os buracos.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Há uma relação de proporcionalidade entre palavras como 'muito' e 'nada' e os substantivos pospostos (quanto mais X, menos Y), conforme já mencionado anteriormente na análise da Tabela 10 e que discutiremos em detalhes mais à frente.

Tabela 12: Manchete 12 e os 2 enunciadores identificados

M12	Rua é formosa apenas no nome.
E1	A rua não é tão formosa quanto o seu nome.
E2	A rua está destruída.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

A palavra “formoso” é um adjetivo de atributos positivos, no entanto, a foto da notícia 1 correspondente à manchete 12 (Figura 1) demonstra uma rua que, embora tenha esse nome, está destruída, cheia de lama e buracos.

Figura 1: Imagem de Notícia 12, do corpus



Rua Formosa, na Vila Pauline, atolada em lama e abandono

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

A palavra “apenas” funciona com o sentido de “só”, assim como ocorre nas manchetes 1 e 2 (Tabelas 1 e 2). Com isso, o operador argumentativo “apenas” tem efeito delimitador, de redução de sentido na frase. Ou seja, “apenas” possui uma função restritiva igual a “só”. Ele pode excluir outras coisas, outras ruas por exemplo. O operador argumentativo de valor restritivo também pode vir a ativar um subentendido. Parece que há aqui um efeito de restrição e, ao mesmo tempo, um gatilho para algo não dito.

Os conteúdos de todas as reclamações são provenientes de uma demanda coletiva manifesta nas mensagens de *Whatsapp* através de texto e imagem e que, por fim, é transformada em notícia. É notável que os enunciadores de diferentes áreas da Baixada Fluminense estejam sempre reclamando sobre os mesmos

problemas: buracos nas vias e abandono da região. Podemos depreender disso que: a) o editor do jornal decidiu fazer um recorte por este assunto apenas, ou b) de fato, esta é a única demanda que a população retratada possui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, gostaríamos de encerrar trazendo nas considerações uma reflexão acerca de que os múltiplos enunciadores encontrados e analisados neste artigo assim como seus implícitos só puderam ser “alcançados” a partir do momento em que lançamos mão de uma teoria que abarcasse a polifonia dos enunciados. Se, por ventura, nos detivéssemos a conceitos mais tradicionais que enxergam a comunicação como sendo ‘1+1’, ou seja, locutor e receptor não atentaríamos para as múltiplas possibilidades que a análise dos implícitos nos permitem fazer além do que aquilo que nos é dito no nível da frase.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, John Langshaw. **How to do things with words**. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1962.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARBI, Sílvia Helena. A teoria polifônica de Ducrot e a análise do discurso. **Revista de estudos da linguagem**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 183-209, jan./jun. 1999.
- BARBISAN, Leci Borges; TEIXEIRA, Marlene. Polifonia: origem e evolução do conceito em Oswald Ducrot. **Organon**, Porto Alegre, v. 16, n. 32-33, p. 161-180, 2002.
- CAREL, Marion. A polifonia linguística. **Letras de Hoje**, Porto Alegre: EdUPUCRS, v. 46, n. 1, 2011.
- CHARADEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- DEUSDARÁ, Bruno. Pragmática e discurso: a noção do texto em questão. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 9, n. 2, p. 340-357, jul./dez. 2013.
- DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. **Análise cartográfica do discurso: temas em construção**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2021.
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

DUCROT, Oswald. Argumentação e “topoi” argumentativos. In: GUIMARÃES, E. (Orgs.). **História e sentido na linguagem**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1989. p. 13-38.

DUCROT, Oswald; CAREL, Marion. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. **Letras de Hoje**, Porto Alegre: EdiPUCRS, v. 43, n. 1, p. 7-18, mar./jun. 2008.

ESCÓSSIA, Liliana da; TEDESCO, Silvia. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. (orgs.) Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. Porto Alegre: Sulina, 2014.

FLORES, Valdir. Dialogismo e enunciação: elementos para uma epistemologia da linguística. **Linguagem & ensino**, v. 1, n. 1, p. 3-32, 1998.

FLORES, Valdir; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2015.

JAKOBSON, Roman; HALLE, Morris. **Fundamentals of language**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2002.

MORATO, Edwiges Maria. O interacionismo no campo linguístico. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística 3**. São Paulo: Cortez, 2003.

OTTONI, Paulo. John Langshaw Austin e a visão performativa da linguagem. **D.E.L.T.A.**, v. 18, n. 1. São Paulo, p. 117-143, 2002.

PEROBELLI, Roberto. CORREIA, Bianca da Silva. A pressuposição em manchete e a leitura crítica em foco. **Revista Gatilho**. v. 20. n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/gatilho/article/view/33224>. Acesso em: 16 de jul. 2023.

Sobre o autor

Gustavo Estef Lino da Silveira

Doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Contato: gustavolinosilveira@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5591-7690>

Artigo recebido em: 24 de julho de 2023.

Artigo aceito em: 23 de agosto de 2023.